

Índice

O Duelo	9
Sobre <i>O Duelo</i> de Heinrich von Kleist	59
Fontes para a tradução	67

O Duque Guilherme de Breysach, que vivia em inimizade com o seu meio-irmão, o Conde Jacob, o Barba-Ruiva, desde que se unira em segredo a uma Condessa, de nome Catarina de Heersbruck, da casa Alt-Hüningen, na aparência abaixo da sua estirpe, regressava, estávamos nos finais do século catorze, quando a noite de S. Remígio começava a cair, de uma reunião mantida com o Imperador alemão em Worms, durante a qual havia conseguido desse Senhor, por falta de filhos legítimos, entretanto mortos, a legitimação de um filho natural, gerado com a sua esposa antes do casamento, o Conde Filipe de Hüningen. Mais feliz na antevisão do futuro do que alguma vez estivera no decurso inteiro do seu reinado, havia alcançado já o parque que ficava atrás do seu palácio: quando, subitamente, uma flecha irrompeu do negrume por entre os arbustos e lhe trespassou a carne, mesmo abaixo do esterno. O Senhor Frederico von Trota, seu Camareiro, extremamente afectado por este incidente, levou-o, com

a ajuda de alguns outros cavaleiros, para o palácio, onde ele só teve forças, nos braços da sua abalada esposa, para ler o documento imperial de legitimação a uma assembleia de vassalos, chamados, por iniciativa desta, com toda a celeridade; e depois de os vassalos terem cumprido a determinação das suas últimas vontades, não sem viva resistência, uma vez que, de acordo com a lei, a coroa cabia ao seu meio-irmão, o Conde Jacob, o Barba-Ruiva, e sob reserva de pedirem o beneplácito do Imperador, reconheceram o Conde Filipe como herdeiro do trono e a mãe, devido à sua menoridade, como tutora e regente: ele deitou-se e morreu.

A Duquesa subiu então ao trono, sem hesitar, fazendo chegar a notícia, como uma simples participação, ao seu cunhado, o Conde Jacob, o Barba-Ruiva, por intermédio de alguns emissários; e aquilo que vários cavaleiros da corte haviam vaticinado, cuidando ler o seu temperamento fechado, aconteceu, mesmo que fosse apenas na aparência exterior: Jacob, o Barba-Ruiva, senhor das circunstâncias, suportou o agravo que o seu irmão lhe havia infligido por meio de ponderações inteligentes; pelo menos, absteve-se de todo e qualquer passo para anular as últimas vontades do Duque e desejou cordialmente ao seu jovem sobrinho felicidades para o trono que lhe havia cabido. Descreveu aos emissários, que convidou serena e cordialmente para a sua mesa, a liberdade e a independência com que vivia no seu Burgo desde a morte da sua esposa, que lhe havia deixado uma fortuna real; o prazer que lhe davam as

mulheres dos gentis-homens da vizinhança, o seu próprio vinho e, na companhia de amigos joviais, a caça, e a ideia que tinha, a única empresa por que, na verdade, almejava no fecho da sua vida, de ir em cruzada à Palestina para expiar os pecados de uma juventude breve, que, como ele o confessou, tinham ainda, infelizmente, aumentado com a idade. Em vão, os filhos, que tinham sido educados na esperança certa da sucessão do trono, lhe faziam as mais amargas censuras, devido à insensibilidade e indiferença com as quais, de uma maneira completamente inesperada, aceitava de boa mente este agravo irremediável das suas pretensões: ele aquietou-os, a eles que ainda eram imberbes, em curtos e trocistas termos autoritários, obrigou-os a segui-lo para a cidade no dia das exéquias, e mesmo a assistir ao enterro na cripta do velho Duque, tio deles, como convinha; e depois de ter prestado homenagem, na sala do trono do palácio ducal, ao jovem príncipe, seu sobrinho, na presença da Regente-Mãe, tal como todos os outros grandes da corte, e de ter recusado todos os cargos e honras que esta última lhe propunha, regressou ao seu Burgo, acompanhado pelas bênçãos do povo, que honrava duplamente a sua generosidade e a sua moderação.

A Duquesa procedeu então, após esta inesperadamente feliz remoção dos primeiros interesses, à realização do seu segundo dever como Regente, a saber, levar a cabo inquirições relativas aos assassinos do seu esposo, dos quais se pretendia ter apercebido no parque

um bando inteiro, e, com esse mesmo objectivo, examinou a flecha que havia dado termo à sua vida, conjuntamente com o Senhor Godwin de Herrthal, seu Chanceler. Entretanto, nela não se encontrou nada que tivesse podido denunciar o possuidor, excepto talvez o facto de ser, de maneira surpreendente, trabalhada de modo fino e sumptuoso. Numa haste esbelta e robusta, torneada numa madeira escura de nogueira, estavam cravadas penas fortes, crespas e brilhantes; o revestimento do topo posterior era de latão reluzente, e só mesmo a extremidade, aguçada como a espinha de um peixe, era de aço. A flecha parecia ter sido feita expressamente para a sala de armas de um homem distinto e rico, que ou andava metido em sarilhos ou era um grande amador de caça, e uma vez que se podia deduzir, de uma data gravada na empena, que teria sido fabricada há pouco tempo, a Duquesa, por conselho do Chanceler, enviou a flecha, munida com o selo real, para todas as oficinas da Alemanha, a fim de descobrir o mestre que a havia torneado e, caso isso se viesse a dar, conhecer por ele o nome daquele por cuja encomenda ela havia sido torneada.

Cinco luas mais tarde, chegou por correio ao Senhor Godwin, o Chanceler, a quem a Duquesa havia encarregado de toda a inquirição sobre o assunto, a declaração da parte de um fabricante de flechas de Estrasburgo, que dizia ter preparado há três anos umas sessenta dessas flechas, com a sua respectiva aljava, para o Conde Jacob, o Barba-Ruiva. O Chanceler, extre-

mamente abalado por esta explicação, reteve-a no seu armário secreto durante várias semanas; por um lado, apesar dos hábitos livres e dissolutos do Conde, ele conhecia demasiado bem a sua nobreza, assim o julgava, para o ter como capaz de uma acção tão abominável como era o assassinio de um irmão; e, por outro lado, apesar de todas as outras qualidades, também conhecia demasiado pouco o espírito de justiça da Regente, para não proceder com grande cautela num assunto que valia a vida do seu pior inimigo. Entretanto, empreendeu às escondidas inquirições no sentido daquelas informações surpreendentes, e tendo apurado por acaso, através dos oficiais da intendência da cidade, que o Conde, que nunca, ou pelo menos raríssimas vezes, costumava sair do seu Burgo, estivera ausente na noite do assassinio do Duque: considerou seu dever desvendar o segredo e instruir circunstanciadamente a Duquesa, numa das sessões seguintes do Conselho de Estado, acerca da singular suspeita que, por causa destes dois pontos de demanda, caía sobre o cunhado, o Conde Jacob, o Barba-Ruiva.

A Duquesa, que se regozijava por estar num pé tão amigável com o Conde, seu cunhado, e temendo, acima de tudo, ferir a sua susceptibilidade com passos considerados, não deu, entretanto, para surpresa do Chancellor, o menor sinal de alegria na altura desta equívoca participação; ao invés, no momento em que percorria pela segunda vez os papéis com atenção, expressou vivamente o seu desagrado por se ter falado publica-